

**OS DOIS LADOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**The both sides of Physical Education**

**João Batista Freire<sup>1</sup>**

Entre os anos de 1600 e 1602, aproximadamente, Hamlet, personagem central da conhecida peça de Shakespeare, exclamava: “Ser ou não ser, eis a questão”. Havia algo de podre no reino da Dinamarca, e o jovem príncipe referia-se à natureza humana. Quatrocentos anos depois, James Lovelock, inglês como Shakespeare, de uma outra maneira, em um outro contexto, mas também referindo-se à natureza – não só a humana -, atualiza a frase do príncipe da Dinamarca (LOVELOCK, 2006). Também, o que se coloca hoje, diante dos gravíssimos problemas planetários, é se continuaremos, como espécie, a ser ou não ser. Deparamo-nos com dilemas, tais como a escassez de água potável, o aquecimento global, a poluição dos mares, a destruição das florestas tropicais, a corrupção institucional, a violência urbana e a má educação, entre outros, que colocam seriamente em risco a existência do planeta tal como o conhecemos, equilibrado e disponível para a manifestação de vidas como a nossa. Há algo de podre no planeta Terra.

Pelo que parece, a temperatura no hemisfério norte subiu 1° C nos últimos duzentos anos, revertendo aquela que, para os mil anos anteriores, era uma tendência para o resfriamento. Além disso, podemos dizer, pela primeira vez e com mais seriedade, que os gases de estufa estão aumentando inabalavelmente, e que a longo prazo, mesmo que não subam acima dos níveis atuais, eles mudarão o mundo irreversivelmente. Eles são como aqueles odiosos venenos que agem apenas meses ou anos depois de ser ingeridos (LOVELOCK, 2006, p. 167).

---

<sup>1</sup> Licenciado em Educação Física, Mestre em Educação Física, Doutor em Psicologia Escolar e Livre Docente pela Unicamp. Professor aposentado pela Unicamp e Professor Visitante do Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – Cefid, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc. Endereço eletrônico: [jbfreire32@yahoo.com.br](mailto:jbfreire32@yahoo.com.br)

No início do Século XVI, pouco antes, portanto, de Shakespeare ter escrito Hamlet e outras obras primas, os europeus, especialmente portugueses e espanhóis, aventuravam-se no Atlântico, na direção do Oeste, acreditando que por ali chegariam às Índias, e inauguravam, à custa de saques e do maior holocausto de que a história tem notícia, o que chamamos de Modernidade. Pelo menos quinze milhões de habitantes das terras hoje chamadas de América, foram sacrificados para que a Europa enriquecesse e se tornasse o centro cultural do mundo (DUSSEL, 2000). O relato do Frei Bartolomé de Las Casas, testemunha ocular do massacre, é estarrecedor (de LAS CASAS, 2007). E foi aí que os homens começaram a viver em um tipo de sociedade que, evoluindo para o capitalismo, ameaça a vida na Terra. Porém, para dar um mínimo de clareza a isto, é preciso considerar algumas bases do pensamento formado a partir dessa época, para que a gente entenda o comportamento predador atual dos chamados humanos.

Shakespeare e Lovelock são invocados, logo ao início deste texto, porque, de alguma maneira, suas teses falam diretamente à disciplina científica e pedagógica de que tratamos mais diretamente nesta publicação. A filosofia consolidada com a inauguração da Modernidade tem, na sua raiz, a afirmação da espiritualidade sobre a corporeidade, de forma que o corpo, isto é, a entidade material que marca nossa presença física na Terra, passa a ser apenas um arcabouço provisório que dá guarida à alma, ou ao espírito (do ponto de vista filosófico e científico, à razão), a entidade fluida que não padeceria o destino inexorável da matéria, que é o de se degradar e morrer. (DUSSEL, 2000).

Difícil é dizer se o desprezo devotado à vida humana (no Século XVI teriam sido mortas, em todo o mundo, nas guerras de conquista, algo em torno de cem milhões de pessoas) pelos conquistadores fertilizou a metafísica da Modernidade, ou se foi esta que amparou o absoluto desprezo manifestado pelo corpo. Matavam-se nativos de terras conquistadas aos milhões. Por outro lado, já há algum tempo, a falta de cuidados corporais favorecia as doenças epidêmicas que dizimavam os europeus. O fato é que a civilização dita moderna floresceu economicamente com base no investimento voltado para a salvação da alma, monitorada pela religião, por uma ética de negação do corpo.

Pode-se dizer, portanto, que o alicerce de nossa civilização não tem corpo sólido, não tem estrutura material, mas sim, espiritual. A moral que decorre de tal filosofia tende, conseqüentemente, a coibir as manifestações do corpo, começando por cobri-lo. As imagens de Jesus Cristo, até o Século IX, mostravam-no nu. Posteriormente, para

corresponder à moral que se formava, cobriram-no de panos. Se há castigos, o maior conjunto deles refere-se à corporeidade, o sexo incluído. O Papa Bento XVI veio ao Brasil em 2007 para pregar, entre outras coisas, a castidade.

O fato é que a civilização moderna, que tem como centro a Europa e os Estados Unidos, consolidou-se e, agora, dedica-se a se conservar; como todo organismo, é conservadora. Evoluindo para o capitalismo, e estendendo globalmente seus tentáculos, pretende sobreviver, mesmo que, para isso, a natureza (inclusive a humana) tenha que perecer.

O capitalismo e sua globalização excludente ameaçam a vida no planeta. Mais especificamente ameaçam as possibilidades de vida de boa parte da humanidade. O conservadorismo da população que usufrui desse sistema excludente, mantendo todos os privilégios, invoca o passado, alicerça-se na idéia de negação material, de negação do corpo, uma ética que justifica a desconsideração pela vida de boa parte da população mundial. Essa minoria privilegiada tem passado e tem presente. Os privilégios do presente justificam-se pelo passado, portanto, não admitem mudanças. A maioria vitimada não tem um passado para justificar o presente; seu presente é eivado de necessidades materiais. O alimento espiritual, infelizmente, não aplaca a fome material. Aguardar a morte para nascer, essa é a promessa de uma civilização que lhes frustra a vida. O sentido da vida para essa população é o futuro por vir, é a esperança de que alguma coisa adiante seja melhor que o passado. Paulo Freire dizia em sua *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1992, p. 91):

...não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua.

Uma outra ética deve fundar a crença da população vitimada (exceto a que já foi dizimada, morta, que não pode mais ter qualquer esperança) em um futuro promissor. Porém, essa população precisa ter suas necessidades materiais satisfeitas e, antes de qualquer coisa, essa ética não pode negar sua corporeidade. Se as pessoas existem, é porque são corpos, porque registram sua presença no mundo corporalmente. E se são corpos, precisam viver sob essa condição. Independentemente de cremos na existência

ou não de vidas antes e depois desta vida, a atual é uma vida de afirmação material. É corporalmente que existimos.

A motricidade é o sintoma vivo do mais complexo de todos os sistemas: o corpo humano. Pela corporeidade ele dá testemunho de sua condição material, de sua condição de corpo. É pela corporeidade que o homem diz que é de carne e osso. Ela é a testemunha carnal de nossa existência. A corporeidade integra que o que o homem é e pode manifestar neste mundo: espírito, alma, sangue, ossos, nervos, cérebro, etc. A corporeidade é mais do que um homem só: é cada um e todos os outros (FREIRE, 1991, p. 63).

Enfim, se há mudanças é porque necessidades prementes as obrigam, ou então porque aprendizagens mostram novos caminhos. De forma que uma pedagogia sempre é necessária. A evangelização, por exemplo, praticou uma pedagogia que impôs aos povos das Américas uma religião, uma forma de viver, que não considerou o ponto de vista desses povos. A conquista da América excluiu materialmente da vida a esmagadora maioria desses povos... E continua excluindo. Se cremos em um futuro para esses povos, então uma outra ética é necessária e, conseqüentemente, uma outra pedagogia.

Qualquer que seja a disciplina escolar, o corpo que somos deveria ser considerado. Não é por acaso que o espaço de manifestação corporal de nossos alunos, desde que a escola foi inventada, é quase nada. Quanto tem de espaço para se movimentar, durante as aulas, cada criança? Experimentem medir. Ou seja, o corpo não está ali na escola para ser educado, pois a escola supõe que corpo é uma entidade subalterna, disciplinável, mas não educável; espírito, razão, alma, constituem outra entidade, distinta e hierarquicamente superior. E nesse campo, a ciência pouco fez para alterar a ordem das coisas. Para a ciência moderna, também a razão é superior ao corpo, este sim, precíval. Não fosse assim, com a entrada da ciência na escola (e não é religião que se ensina nas aulas, mas ciência), o corpo teria ganhado status, e isso não aconteceu.

Não se timbra muito, nos meios universitários, em referir que o racionalismo moderno é uma construção euro-cêntrica, desde Descartes e os iluministas, passando por Weber e até Habermas, nem que se consideraram as outras culturas e povos da Ásia, da África e da América Latina, como periféricas, constituídos por sub-homens, dado que pareciam mais próximos da Natureza (SÉRGIO, 2005, p. 41).

Religiosos, cientistas, filósofos e as demais pessoas, no seu cotidiano, referem-se ao corpo como uma entidade distinta daquele que fala. Costumamos dizer “meu corpo”,

“seu corpo”, etc., quando queremos nos referir a alguma coisa que é nossa, que nos pertence, a um acessório do que realmente somos. E quando dizemos “eu”, ou “você”, referimo-nos ao verdadeiro ser, ao ser de razão, de alma, de espírito. Ou seja, ao nos referirmos ao corpo, o ponto de vista é aquilo que não é o corpo, ou seja, o “eu” descarnalizado.

### **A pedagogia na Educação Física**

Uma pedagogia pode resultar num receituário definido por acadêmicos desligados da prática pedagógica escolar, isto é, numa visão de cima para baixo sobre a escola, que é o que tem sido mais comum, ou, de outra parte, o que é raro, num conjunto de idéias, teorias e procedimentos produzidos a partir do ponto de vista da própria escola, ou seja, de professores, alunos, comunidade e administração.

As pedagogias feitas de cima para baixo, gestadas em laboratórios universitários, geralmente ignoram as expressões de alunos e professores das escolas (SILVA, 2007). Os professores da rede de ensino devem receber as sugestões curriculares e aplicá-las nas suas aulas. Para tanto, atribui-se um certo tempo para que os professores tomem conhecimento das propostas e opinem, o que raramente acontece. Como as secretarias de educação aguardam um certo período para que os professores da rede se manifestem, julgam que a democracia do currículo está garantida; se os professores não opinarem é porque não querem fazê-lo. A partir daí, o currículo tem que ser transformado em práticas pelos professores. Se não conseguirem o milagre de converter as teorias curriculares em ensino de qualidade, claro que a culpa será atribuída à incompetência dos professores e à incapacidade dos alunos. Parece que, para se desincumbir de obrigações burocráticas, as administrações municipais e estaduais costumam, ao assumir suas funções, encomendar propostas curriculares para as universidades. Elas estão por aí, às dezenas, às centenas, e o ensino, com raras exceções, continua o mesmo de sempre.

Mas existem pedagogias que não são feitas de cima para baixo. O Brasil produziu algumas (sem contar aquelas que, sendo realizadas em localidades pequenas, em redutos anônimos, desconhecemos), a mais vigorosa, sem dúvida, a de Paulo Freire (2005).

Quando a escola foi inventada, lá pela Idade Média, os alunos aprendiam sob pena de ser castigados, e isso funcionava. O castigo dava significado à aprendizagem; no mínimo, deveriam aprender para não apanhar. Hoje, tempos diferentes, com o advento dos direitos humanos, não se pode usar um chicote ou uma palmatória para ensinar os alunos. Só que, mantendo a

mesma estrutura medieval de ensino, porém, sem castigos físicos, não é possível fazer com que os alunos aprendam. O ensino tradicional precisa da palmatória para funcionar.

As pedagogias que rompem com a educação tradicional (que remonta à Idade Média), não abordam a escola de cima para baixo, nem de fora para dentro. Pelo contrário, têm como ponto de partida o ponto de vista dos mais envolvidos com o processo educacional, isto é, a comunidade escolar como um todo, o que inclui alunos, professores, administração, pais, comunidade, cultura, etc.

Por que seria longo demais abordar essas pedagogias, e porque o tema central deste texto é a disciplina Educação Física, creio ser pertinente comentar uma pedagogia centrada na comunidade escolar a partir da experiência que vivo, através de um projeto coordenado por mim, denominado Oficinas do Jogo.

O projeto Oficinas do Jogo é um projeto de formação continuada de professores da rede de ensino escolar. Inclui também atividades de pesquisa e extensão. Prática formação continuada porque os professores da rede podem ingressar no grupo de estudos e manter uma formação por tempo indeterminado. Essa formação, porém, não ocorre nos moldes tradicionais, isto é, professores universitários ensinando a professores da rede como eles devem proceder para desempenhar bem suas funções pedagógicas. A descrição que se segue pode explicar a teoria que orienta nossos trabalhos.

Há anos trabalhando com professores e professoras da rede de ensino, percebi que uma imensa riqueza de conhecimentos pedagógicos perde-se a cada dia, a cada aula. Alguns professores vão para suas aulas com planos detalhadamente produzidos, outros levam apenas as bases gerais de um plano curricular que recebem das secretarias, outros nem isso fazem, e dão suas aulas sem planejamento. Mesmo estes últimos, algo em mente têm, para que alguma coisa aconteça em suas aulas. Qualquer que seja a opção, dificilmente ela considera a complexidade de uma aula; coisas acontecem que nunca foram previstas. O fato é que, ao longo da aula, o plano começa a sofrer modificações. O melhor dos planejadores acaba por criar, em cada aula, procedimentos que não estavam previstos. Os melhores professores, por mais que se previnam com planos, são obrigados a criar, porque as condições da aula, o comportamento dos alunos, acontecimentos súbitos, exigem mudanças, exigem novas criações.

Os bons professores, portanto, criam a cada aula, e o fazem bem. Quando suas aulas, ao terminar, exibem produtos bem realizados, mérito do professor ou da

professora que soube, ao longo dos trabalhos, fazer os ajustes devidos, realizar criações, avaliar devidamente, etc. Isso não retira dos planos prévios, seus méritos, quando são bons.

Essa pedagogia praticada ao longo de cada aula, uma pedagogia que realiza ajustes, criações, avaliações, etc., é aquela que se perde sempre, e talvez seja a mais rica. O que quero dizer é que, para os bons professores, há uma pedagogia criada a cada aula. E essa pedagogia sempre foi desconsiderada, em parte porque os professores não a registram, muito menos a comunicam, em parte porque estão em desacordo com os belos planos curriculares acadêmicos. Se os professores tentam falar delas, falam em linguagem que não é reconhecida pela universidade. E como a relação entre a escola e a universidade é de cima para baixo, a voz dos professores e dos alunos não chega à universidade, nem ao público. Essa pedagogia construída no dia-a-dia, portanto, perde-se por falta de voz de quem a produz. Quando os professores a criam, em todas as aulas, trata-se de uma produção a partir do ponto de vista da prática, da realidade, dos professores e professoras, dos alunos, da direção da escola, dos pais, da comunidade, de uma certa classe social.

Todos sabemos que, embora as matrículas nas escolas estejam asseguradas, atualmente, para todos os brasileiros, boa parte dos que estão matriculados não aprende. Além do prejuízo de, ao aprender, ter que incorporar conteúdos ultrapassados, desconectados com a realidade social (geralmente culturas específicas de disciplinas científicas), para boa parte da população, nem isso acontece. Ler, escrever e realizar as operações matemáticas mais elementares, pode não ser conseguido minimamente pelos alunos das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Temos estudado isso e constatado, infelizmente, que é uma realidade. São alunos que freqüentam, geralmente, escolas que acolhem a classe social economicamente empobrecida, aqueles que são excluídos desse sistema social excludente. Não fazem parte da minoria privilegiada. Nosso sistema social, como todo sistema, tem falhas, as dele são gravíssimas; produz multidões de vítimas que não podem usufruir suas melhores produções.

Pois bem, voltando à questão da pedagogia que se perde a cada aula, se essa pedagogia fosse considerada, poderia formar as bases de um currículo que partisse da própria cena educacional, isto é, da realidade vivida dentro e fora da escola por aqueles que praticam a educação escolar.

Esse é o sentido do nosso trabalho de formação continuada, um dos pilares do Grupo de Estudos Oficinas do Jogo. Tratando-se de um trabalho realizado em uma

universidade, mais particularmente, no Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – Cefid, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc, cumpre-se, portanto, um dos desígnios que formam o tripé (ensino, pesquisa e extensão) de atuação universitária, isto é, o ensino. Não se trata de um ensino em que a universidade diz aos professores que buscam formação continuada, qual a teoria que deve ser transformada em prática pedagógica. Uma vez que o ponto de partida é a prática cotidiana de ensino realizada pelos professores, a idéia é fazer com que os professores tenham oportunidade de, junto com professores da universidade, refletir a respeito de suas práticas e, talvez, transformá-las, tendo por base as produções do Grupo de Estudos Oficinas do Jogo.

A realização prática do tripé suposto pela universidade, isto é, ensino, pesquisa e extensão, subentende o entrelaçamento incontestável entre esses três elementos. Ou seja, um depende do outro, de forma que o ensino encontre sentido na pesquisa e na extensão, estas duas últimas naquele primeiro.

Há os que afirmam que a pedagogia não é um campo científico, supondo, portanto, que os acontecimentos educacionais não são passíveis de investigação científica. Eu digo que estão equivocados os que assim o afirmam. É possível que essa investigação não possa ser feita adequadamente se os investigadores utilizarem os mesmos métodos utilizados em ciências mais tradicionais, as exatas por exemplo, ou as mais duras, tais como a química, a física ou a biologia, se bem que, mesmo nos campos mais tradicionais da ciência, a idéia de complexidade transborda de certos trabalhos. Porém, se há questões abertas, indecifradas, tal como qualquer outro mistério, a educação pode ser investigada.

Debatendo com os professores da rede escolar que integram o Grupo de Estudos Oficinas do Jogo, levantamos um número significativo de questões que necessita de estudos científicos. Sugerimos, como decorrência desse levantamento, que os próprios professores da rede investiguem tais questões. Temos, portanto, que transformar os professores em pesquisadores. Acredito nisso porque estou convencido de que certas questões pedagógicas decisivas são vividas somente nos momentos particulares em que esses professores estão vivendo a experiência inédita de uma cena educacional, o lapso de tempo que dura uma aula, carregado de extrema complexidade. Pesquisar os acontecimentos de uma aula, portanto, requer capturar tais momentos privilegiados para analisá-los sob a lupa da ciência.

Os integrantes do Grupo de Estudos Oficinas do Jogo não têm que, necessariamente, tornar-se pesquisadores científicos. Só o farão se o quiser e quando se

sentirem amadurecidos para tal. Sua formação continuada inclui formação para a pesquisa, mais particularmente para a Pesquisa-Ação, uma das modalidades de pesquisa qualitativa, aquela que julgamos a mais pertinente para investigar certos fenômenos da educação, aos quais já me referi, isto é, os que fazem parte da complexidade da aula acontecendo. Apesar de não haver, da parte dos integrantes, compromisso necessário com a prática da pesquisa, há esse compromisso por parte do grupo de estudos. Quando, em um determinado momento, professores da rede começam a colocar em prática os princípios pedagógicos do Grupo de Estudos Oficinas do Jogo em suas aulas, surge a oportunidade de pesquisar os acontecimentos de tais aulas. Essa oportunidade ocorre se algum desses professores manifesta o desejo de pesquisar e se algum tema é instigante o suficiente para suscitar o interesse pela pesquisa. Então o tema é discutido, e, havendo interesse do grupo pela pesquisa sobre esse tema, a pesquisa pode ser planejada e executada.

O trabalho de pesquisa no Grupo de Estudos Oficinas do Jogo é sempre coletivo. O professor da turma de alunos que pesquisa suas ações educacionais o faz em parceria com o coordenador do grupo ou com outros professores de nosso grupo.

Até o momento, os seguintes temas suscitaram interesses de pesquisa e estão sendo efetivamente pesquisados: 1) as Oficinas do Jogo como prática transdisciplinar com temas sugeridos pelo professor; 2) as Oficinas do Jogo como prática transdisciplinar com temas desenvolvidos pelos próprios alunos; 3) a pedagogia lúdica como fertilizadora da imaginação na Educação Infantil; 4) Oficinas do Jogo: uma experiência de educação dos sentidos; 5) as repercussões das Oficinas do Jogo no ambiente educacional de uma escola de Ensino Fundamental; 6) as Oficinas do Jogo como ambiente de representação do conhecimento de alunos do Ensino Fundamental.

Por fim, o trabalho de extensão. Entendemos que a universidade realiza um trabalho social, isto é, um trabalho compromissado com a sociedade. Não são os governos ou os grupos empresariais que financiam as universidades, mas a sociedade como um todo que o faz, e é a ela que a universidade deve prestar contas em primeiro lugar; depois é que vem a prestação de contas com os órgãos de fomento, públicos ou particulares. Antes de tudo, portanto, as produções universitárias devem ser publicadas, sendo que essas publicações podem ser realizadas de várias formas. Entendemos que publicar é tornar pública alguma coisa. No caso da universidade, trata-se de tornar públicos seus trabalhos. Fazer extensão é, de uma certa forma, uma maneira de levar ao público uma produção. Habitualmente esse trabalho de extensão consiste em praticar em

outro ambiente, que não o universitário, uma determinada produção acadêmica, de modo que um outro público, que não o acadêmico, possa beneficiar-se dela.

A forma de praticar extensão do Grupo de Estudos Oficinas do Jogo é realizar, em escolas da rede oficial de ensino, nos níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental, uma pedagogia conforme os princípios do Oficinas do Jogo. Esse trabalho de extensão está intimamente relacionado com as outras duas plataformas do tripé acadêmico: ensino e pesquisa. Ou seja, o professor do Grupo de Estudos Oficinas do Jogo que realiza educação continuada, ao sentir-se maduro para tal, inclui os princípios pedagógicos do grupo em suas aulas, estruturando-as com seus alunos e de acordo com as peculiaridades de sua escola, sua comunidade escolar e extra-escolar. Portanto, o próprio professor integrante do grupo é quem possibilita que a universidade cumpra seu objetivo de fazer extensão.

### **Compromissos éticos**

Somos responsáveis pela vida. Podemos, mas não devemos, fazer nada que seja contra a vida, quer seja a nossa, quer seja a dos outros. Às vezes, certas formas de vida tornam-se uma ameaça à de grupos ou ao planeta; nesses casos, talvez seja eliminada. É o que ocorre quando uma bactéria, por exemplo, ameaça a vida humana. Não havendo simbiose possível, ela será combatida, tanto pelos recursos naturais do corpo humano, quanto pelos recursos da medicina. Lovelock (2006) considera que existe a possibilidade de nós, humanos, sermos, atualmente, uma ameaça à vida na Terra. Nossos procedimentos podem impedir a manutenção da temperatura favorável a boa parte dos seres vivos, e então...

Os seres humanos sobre a Terra se comportam, em alguns sentidos, como um microrganismo patogênico. Nós crescemos em número e as perturbações que provocamos em Gaia também aumentaram, a ponto de a nossa presença se tornar perceptivelmente incapacitante, como uma doença. Assim como acontece nas doenças humanas, há quatro resultados possíveis: destruição dos organismos patogênicos invasores; infecção crônica; destruição do hospedeiro; ou simbiose – um relacionamento duradouro de benefício mútuo entre o hospedeiro e o invasor. P. 153.

Somos o que somos por muitos fatores. Um deles é a educação e é dela que tratamos aqui. Nossa melhor contribuição é cuidar bem do que sabemos fazer, sem perder a consciência quanto aos demais acontecimentos. Mais especificamente tratamos de um setor da educação, uma disciplina chamada Educação Física, que sempre foi

tratada como uma espécie de primo pobre da educação. Não é um equívoco, mas a maneira como nossa civilização trata as coisas materiais, especialmente aquelas ligadas ao corpo. A Educação Física será deixada em paz sempre que se conformar ao papel que lhe atribuíram: cuidar do corpo, desde que aceite a idéia de que esse corpo é uma entidade distinta da razão, da alma ou do espírito. O termo “físico” do binômio refere-se exatamente a isso, ou seja, à matéria física, perecível, de certo modo, desprezível. Faço coro às palavras do Prof. Manuel Sérgio:

Educação Física: libertação ou alienação? Continuará alienação enquanto for física, pois que esta palavra apresenta uma clara significação ideológica. Na realidade, a Educação Física leva a uma definição de Homem conformista, imobilizada no tempo e, acima de tudo, a uma idéia de natureza humana dividida (ontológica e metafisicamente) em corpo e alma e, por consequência, sem um projeto global de humanidade (Sérgio, 1989, p. 78).

Aqui neste texto abordamos a disciplina Educação Física de uma outra maneira. Julgo que ela é a disciplina pedagógica que educa corporalmente as pessoas, que ensina as pessoas a serem corpo, a aprender que a vida não pode se realizar plenamente se não assumirmos que ser corpo é a condição necessária para estarmos vivos. Afirmar isso não basta, é preciso demonstrar, convencer, e fazê-lo científica e filosoficamente. Porém, essa tarefa não se cumprirá insistindo em reproduzir os mecanismos de investigação científica tradicionais, que têm como ponto de vista a Modernidade inaugurada com os descobrimentos de espanhóis e portugueses nos Séculos XV e XVI. Os métodos de investigação podem ser vários, mas precisam, para que a disciplina Educação Física (mesmo que seja com esse nome inadequado) e a educação de modo geral ganhem mais autonomia, inverter o ponto de vista de que partem para realizar suas pesquisas. Procurei mostrar, tomando como exemplo alguns dos trabalhos realizados no Grupo de Estudos Oficinas do Jogo, a possibilidade de fazer pesquisas e produzir pedagogias tomando como ponto de vista a própria escola, os professores, as professoras, os alunos, pais, administração, a comunidade escolar em geral. Sugiro manter com a escola uma relação democrática, de trocas horizontais, sem vê-la de cima para baixo nem de fora para dentro, sem arrogância acadêmica nem pedantismos.

Sei que a Educação Física está bastante conformada ao papel que lhe impuseram. Sei que, assim como os povos da América Latina foram conquistados e colonizados, também a Educação Física sofre um processo permanente de colonização. A disciplinas científicas tradicionais praticam essa colonização. Nos centros universitários de pós-

graduação, valor tem quem pratica pesquisas nas áreas nobres, como a Fisiologia, a Bioquímica, a Biomecânica ou a Física, entre outras. A razão da existência da Educação Física é a pedagogia, no entanto, sequer ela realiza esforços para pesquisar em educação ou para constituir um núcleo científico próprio, como propôs o Prof. Manuel Sérgio. Atualmente, pesquisar pedagogia na área da Educação Física é sujeitar-se a punições, a arriscar a própria carreira universitária, pois não é nobre dedicar-se a coisas “menores”. As revistas científicas da área e as avaliações realizadas pelos órgãos de fomento gratificam amplamente os pesquisadores de Educação Física que não pesquisarem Educação Física.

Apesar do quadro um tanto desalentador, creio que pude mostrar que é possível fazer um trabalho acadêmico não alinhado a essa mentalidade tradicionalista. A emancipação da disciplina Educação Física, em uma instância, e das populações vitimadas pela civilização moderna, em outra instância maior, pode ser perseguida se os métodos para fazê-lo romperem com o ponto de vista da tradição moderna.

## REFERÊNCIAS

De Las Casas, Frei Bartolomé. **O paraíso destruído**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

DUSSEL, E. **Ética da libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, J. B. **De corpo e alma**: o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LOVELOCK, J. **Gaia**: cura para um planeta doente. São Paulo: Cultrix, 2006.

SÉRGIO, M. **Para um novo paradigma do saber e... do ser**. Coimbra: Ariadne, 2005.

SÉRGIO, M. **Educação Física ou ciência da motricidade humana?** Campinas, SP: Papyrus, 1989.

SILVA, D. V. **Educação psicomotora no Brasil contemporâneo**: de como as propostas tangenciam a relação educação-trabalho. Curitiba, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação Educação – Área Educação e Trabalho da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.